



# Livro de poemas

Monitor: Gabriel Oliveira dos Santos

## Quinhentismo-Poemas de Pe. José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado,  
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,

Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

## Barroco

O todo sem a parte não é todo,  
A parte sem o todo não é parte,  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga, que é parte, sendo todo.  
Em todo o sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica o todo.  
O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo,  
Assiste cada parte em sua parte.  
Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,  
Nos disse as partes todas deste todo.

(Soneto de Gregório de Matos)

# Arcadismo

## Se é Doce

Composição de Du bocage

Se é doce no recente, ameno

Estio Ver toucar-se a manhã de etéreas flores,

E, lambendo as areias e os verdores,

Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio

Ouvirem-se os voláteis amadores,

Seus versos modulando e seus ardores

Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados

Pela quadra gentil, de Amor querida, Que

esperta os corações, floreia os prados, Mais

doce é ver-te de meus ais vencida,

Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.

Morte, morte de amor, melhor que a vida.

## Romantismo

Poesia de Gonçalves de Magalhães na obra  
“Suspiros Poéticos e Saudades”.

Adeus à Europa

Adeus, oh terras da Europa!

Adeus, França, adeus,

Paris! Volto a ver terras da Pátria,

Vou morrer no meu país.

Qual ave errante, sem ninho,

Oculto peregrinando,

Visitei vossas cidades,

Sempre na Pátria pensando.

De saudade consumido,

Dos velhos pais tão distante,

Gotas de fel azedavam

O meu mais suave instante.

As cordas de minha lira

Longo tempo suspiraram,

Mas alfim frouxas, cansadas

De suspirar, se quebraram.

Realismo

Oh lira do meu exílio,

Da Europa as plagas deixemos:

A amizade consegue ser tão complexa... Deixa uns

E tu darei novas cordas.

Desanimados, outros bem felizes... É a alimentação

Novos donos cantaremos

Novos donos cantaremos Faz-nos cometer erros

Adeus, o deixamos da Europa\$ fortes erguem

sempre a cabeça, os assim, assim assumem os Sem

Adeus, França, adeus, Paris! Votto a ver terras

pensar conquistamos. O mundo geral e construimos o

da Pátria, Vou morrer no meu país.

nosso pequeno lugar deixando brilhar cada estrelinha

Estrelinhas... Doces, sensíveis, frias, ternurentas...

(Paris, agosto de 1836)

Mas sempre presentes em qualquer parte Os donos

da amizade...

# Naturalismo

## Chuva Atrasada

Nunca nesta terra que nasci Pareceu-me de chuva  
precisar Pois ela que tudo vinha alagar, Não deu  
mostras de míngua Até esse ciclo começar. Pois eis  
que depois de muitos dias Sem que de sua graça desse  
mostra (ainda que às vezes fizesse proposta) A chuva  
decidiu nos presentear Ventos sacudiram redes com  
criança, Levantaram telhas, fizeram lambança, Dizem  
que veio para castigar... Eu digo que veio me refrescar!  
O estrondo no telhado lembrou O rufar à guerra, do  
tambor Chamando índio para ir pescar! Indício de  
mudança a chegar! Chuva, amiga minha Não vá  
devagarinha Longe “assombrar” Fica, te demora Não  
quero ver a hora Que vás outro molhar.

## Parnasianismo

### OUVIR ESTRELAS

"Ora (dizeis) ouvir estrelas!

Certo Perdeste o senso!"

E eu vos direi, no entanto,

Que, para ouvi-las, muita vez desperto

E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto

A via-láctea, como um pálio aberto,

Cintila.

E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro  
pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que conversas com  
elas?

Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas."

(Poesias, Via-Láctea, 1888.)

# Simbolismo

## A Cathedral

Composição de Alphonsus de Guimaraens

Entre brumas ao longe surge a aurora,  
O hialino orvalho aos poucos se evapora,  
Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho  
Aparece na paz do céu risonho  
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"  
O astro glorioso segue a eterna estrada.  
Uma áurea seta lhe cintila em cada  
Refulgente raio de luz.

A catedral ebúrnea do meu sonho,  
Onde os meus olhos tão cansados ponho,  
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"  
Por entre lírios e lilases desce  
A tarde esquiva: amargurada prece

Poe-se a luz a rezar.

Pré-modernismo

A catedral eburnea do meu sonho

Aparece na paz do céu tristonho

Augusto dos Anjos

Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:

Versos Íntimos

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.

Vês! Ninguém assistiu ao formidável

Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem acoitar o rosto

Enterro de tua última quimera.

meu. A catedral eburnea do meu sonho

Somente a Ingratidão - esta pantera -

Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro

Foi tua companheira inseparável!

que já morreu.

E o sino chora em lúgubres responsos:

Acostuma-te à lama que te espera!

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O Homem, que, nesta terra miserável,

Mora, entre feras, sente inevitável

Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que

apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua

chega,

Apedreja essa mão vil que te afaga,

Escarra nessa boca que te beija!  
Modernismo-Poética (1922)

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto  
espediente protocolo e manifestações de apreço ao sr.  
diretor. Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar  
no dicionário o cunho vernáculo de um  
vocábulo. Abaixo os puristas.

Todas as palavras sobretudo os barbarismos  
universais. Todas as construções sobretudo as  
syntaxes de exceção. Todos os ritmos sobretudo os  
inumeráveis Estou farto do lirismo namorador

Político Raquítico Sifilítico. De todo lirismo que  
capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo. Será contabilidade tabela de  
co-senos secretário do amante exemplar com cem  
modelos de cartas e as diferentes maneiras de  
agradar & agraves mulheres, etc. Quero antes o  
lirismo dos loucos. O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare.

- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

Composição de Manuel Bandeira

Monitor Gabriel Oliveira dos Santos

Atividade Livro de poemas

NTE 10